

ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL: METODOLOGIA OU CONTEÚDO?

Lynn Mário T. Menezes de Souza
PUCSP/INST. IDIOMAS YAZIGI
São Paulo

O ensino de línguas estrangeiras no Brasil está passando por uma profunda crise existencial. Uma das características mais marcantes deste ensino, especialmente ao nível do ensino nos 1º e 2º graus, é a falta de clareza na definição de objetivos tanto no plano externo (isto é, os objetivos deste ensino em relação às outras matérias da grade curricular) quanto no plano interno (os objetivos em termos de conteúdo lingüístico, cultural, pedagógico, etc.).

Neste trabalho pretendemos demonstrar que esta falta de clareza na definição de objetivos se deve à nebulosidade de dois fatores básicos do processo ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Estes fatores são:

- a. a metodologia de ensino de línguas estrangeiras
- b. o conteúdo de ensino de línguas estrangeiras

METODOLOGIA

A nebulosidade de conceitos neste plano se evidencia principalmente na dicotomia terminológica tão corrente na área: o ensino global e o ensino instrumental.(1)

O ensino global consiste no ensino indiscriminado de uma língua estrangeira tanto em termos de habilidades lingüísticas quanto em termos de conceitos ou estruturas lingüísticas, e modo que a mesma importância é dada, em princípio, a todos os elementos que compõem a língua estrangeira. Este ensino global é a herança mais marcante dos métodos audiolinguais.

O ensino instrumental, como um desenvolvimento dos últimos vinte anos, apareceu como uma reação contra o ensino global da língua estrangeira levando em conta o ensino para

fins profissionais e acadêmicos. Este ensino se caracteriza pelos conteúdos lingüísticos altamente específicos e por sua natureza redutora — redutora porque em vez do ensino indiscriminado das habilidades e conteúdos lingüísticos, o ensino instrumental geralmente se concentra em uma ou duas habilidades específicas e conteúdos morfo-sintáticos e semânticos bem definidos.

Tendo as suas raízes na preocupação do conteúdo extralingüístico dos cursos de língua (como por exemplo o inglês científico, o francês comercial, etc), o ensino instrumental tomou impulso com o desenvolvimento do conceito da análise de necessidades. Este conceito, por sua vez, uma reação contra as indefinições do ensino global, visava a um maior grau de eficácia dos cursos de língua através de um levantamento das necessidades lingüísticas dos aprendizes. Este levantamento, levando a uma maior definição do conteúdo lingüístico do curso, garantiria a adequação dos objetivos e conteúdo do curso de língua estrangeira às expectativas e necessidades dos aprendizes.(2)

Ademais, o conceito de análise de necessidade contribuiu para uma valorização maior do papel do aprendiz no processo ensino-aprendizagem.

Paradoxalmente, o ensino instrumental e suas ligações com a análise de necessidades serviram, em muitos casos, para reforçar o conceito do ensino global.

Este reforço se deve à argumentação de que o ensino instrumental e a análise de necessidades são ligadas a públicos cujos objetivos são definíveis em termos profissionais ou acadêmicos; o mesmo não se aplica ao ensino de 1º e 2º graus cujo público não possui objetivos acadêmicos ou profissionais definíveis. Sendo assim, aplica-se um ensino global em todos os casos que não se encaixam nos moldes de um ensino instrumental.

Porém, é um equívoco considerar que o público do ensino de 1º e 2º graus não tenha objetivos definíveis; do mesmo modo, equívoco é considerar possível o ensino de uma língua na sua totalidade, como quer o ensino global. Levando em conta o fato de que nenhuma língua tem sido descrita por completo, o ensino global sempre tem sido forçosamente limitado pelas descrições disponíveis das línguas em questão. Além disso, a realidade do ensino de 1º e 2º graus sempre impôs outras limitações ao ensino de línguas estrangeiras — os fatores tempo, horário, faixa etária, região geográfica, pre-

paração do professor (o exemplo mais marcante é a freqüente diferença entre as escolas públicas e as escolas particulares — estas últimas tradicionalmente alocando maior importância ao ensino da língua estrangeira).

Enquanto esses fatores não forem analisados e compreendidos, será difícil entender as fraquezas do ensino global.

CONTEÚDO

A questão dos conteúdos é uma segunda área nebulosa no ensino de línguas.

Tradicionalmente, os conteúdos dos cursos de línguas têm sido definidos em termos lingüísticos, na forma de listas de estruturas a serem ensinadas. Os métodos audiolinguais acrescentaram a estas listas a dimensão das assim chamadas "quatro habilidades" de compreensão oral e escrita e produção oral e escrita.

Freqüentemente no ensino de 1º e 2º graus, os programas de línguas estrangeiras, além de estarem definidos nesses termos, também são definidos em termos culturais. Isto é, além de (ou através de), o ensino da língua estrangeira, o programa visa ao ensino de informações culturais sobre os povos cujo meio de expressão é aquela língua estrangeira.

Enquanto esses dois aspectos, o lingüístico e o cultural, têm marcado o ensino global, o ensino instrumental tem sido caracterizado por um conteúdo lingüístico limitado, de acordo com as necessidades dos aprendizes, e pela exclusão do aspecto cultural. Além desse conteúdo lingüístico bem definido, o ensino instrumental inclui, no seu conteúdo, itens específicos não lingüísticos ligados à área de conhecimento ou especialização dos aprendizes. Desse modo, o conteúdo não lingüístico de um curso instrumental para técnicos de computação será diferente daquele de um curso para pós-graduados em engenharia civil. Vale mencionar que, embora o ensino instrumental inclua no seu conteúdo itens da área de conhecimento dos aprendizes, o seu propósito não é o de ensinar esses itens, mas sim apenas demonstrar e analisar como esses itens são expressos na língua estrangeira.

Porém, exceto esses dois aspectos do conteúdo — o lingüístico e o cultural, outros aspectos têm sido ignorados pelo ensino global de línguas nos 1º e 2º graus. Dois desses aspectos são o formativo e o interdisciplinar. Embora o aspecto

formativo tenha constado em alguns planos curriculares, a sua realização a nível de objetivos específicos nos planos de ensino é quase sempre esquecido.⁽³⁾

PARA UMA RECONSIDERAÇÃO

As atenções dos profissionais do ensino de línguas têm se focalizado, portanto, nos dois aspectos de metodologia e conteúdo. Infelizmente, grande parte das atenções são dedicadas à metodologia, e, quando muito, ao aspecto lingüístico dos conteúdos.⁽⁴⁾ Esta situação se explica pela problemática mais imediata enfrentada pela maioria dos teóricos estrangeiros⁽⁵⁾ na área do ensino de línguas estrangeiras — a do ensino a aprendizes estrangeiros de uma língua, geralmente para fins acadêmicos, no país onde é falada (estudantes que seguirão um curso superior de especialização em uma universidade do local); fins profissionais (trabalhadores imigrantes), e fins "culturais" (aprendizes curiosos pela língua e civilização estrangeira).

Essa problemática é obviamente diferente daquela enfrentada pelo ensino de 1º e 2º graus no Brasil, mas explica em parte porque o ensino de línguas estrangeiras, no Brasil, levado por várias razões a considerar que a sua problemática é semelhante a dos estrangeiros, não tem desenvolvido os aspectos formativos e interdisciplinares.

Um primeiro passo para remediar esta situação no Brasil seria reconsiderar o ensino global tão amplamente praticado. Usando-se de alguns conceitos da análise de necessidades, (por exemplo, caracterização do aprendiz, do professor e da situação do ensino,) e outros conceitos (como o papel da língua estrangeira em questão no Brasil e como meio de comunicação internacional), será possível chegar a algumas conclusões que levarão a uma maior definição em termos de objetivos e conteúdos. Uma tal análise, por exemplo, poderia limitar o conteúdo lingüístico dos cursos de línguas estrangeiras nos 1º e 2º graus em termos de uma ou duas habilidades (em vez das tradicionais quatro) com um conteúdo morfo-sintático e semântico compatível com essas habilidades e com o conteúdo interdisciplinar.

Tendo o aspecto formativo como orientação básica do conteúdo, a disciplina de língua estrangeira poderá se enriquecer e se integrar mais às outras disciplinas da grade curricular do 1º e 2º graus.

Este modo de utilização de conceitos da análise de necessidades não resultará em um ensino instrumental e sim num ensino mais eficaz por alocar ao aprendiz o seu lugar de direito no processo ensino-aprendizagem, e por alocar à língua estrangeira como disciplina escolar a responsabilidade de contribuir para a formação geral do aprendiz.

NOTAS

- (1) No caso do inglês, "General English" e "English for Special Purposes".
- (2) Ver Munby, J.: *Communicative Syllabus Design*, C.U.P. 1978; Richterich, R. e Chancerel, J.-L.: *L'identification des besoins langagiers des adultes apprenant une langue étrangère*, Conselho da Europa 1977.
- (3) Para propostas de interdisciplinariedade ver Brunfit, C.: *Principles and Practice of English Teaching*, Pergamon 1980; Allen, J.P.B. e Widdowson, H.: *Teaching the Communicative Use of English in International Review of Applied Linguistics*, Vol. 12 nº 1, 1974.
- (4) Ver Candlin, C. e outros: *The Communicative Teaching of English*, Longman 1981; Johnson, K.: *Communicative Syllabus Design and Methodology*, Pergamon 1982; Littlewood, W.: *Communicative Language Teaching*, C.U.P. 1981.
- (5) Ler, por exemplo, Candlin 1981, Johnson 1982, Littlewood 1981 e Richterich e Chancerel 1977 acima citados; Heddesheimer, C. e Lagarde, J.-P.: *Apprentissage linguistique et Communication. Methodologie pour un enseignement fonctionnel aux immigrés*, CLE International, 1978.